

PARA VIVER UM GRANDE AMOR

1962

VINICIUS DE MORAES

ORGANIZAÇÃO
EUCANAË FERRAZ

COLEÇÃO
VINICIUS DE MORAES
COORDENAÇÃO
EDITORIAL
EUCANAË FERRAZ

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by V. M. Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda.

Texto de Carlos Drummond de Andrade das páginas 210-211

Copyright © Graña Drummond www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

warrakloureiro

Fotos de capa

© Bert Hardy/ Getty Images

Pesquisa

Eucanaã Ferraz

Daniel Gil

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ana Maria Barbosa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Vinicius de, 1913-1980.

Para viver um grande amor 1962 / Vinicius de Moraes ; organização Eucanaã Ferraz. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1649-2

1. Poesia brasileira I. Ferraz, Eucanaã. II. Título.

10-02628

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: [11] 3707 3500

Fax: [11] 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

O exercício da crônica	15
A anunciação	17
Poema de aniversário	18
Canção para a amiga dormindo	20
Uma mulher chamada guitarra	21
O infinito de Leopardi	23
Separação	24
Retrato de Maria Lúcia	26
Mistério a bordo	27
Uma música que seja...	30
Retrato de Portinari	31
O poeta aprendiz	33
O dia do meu pai	36
O mais-que-perfeito	39
Médico de flores	40
A medida do abismo	43
O amor por entre o verde	44
Olhe aqui, Mr. Buster	47
O casamento da Lua	49
A última viagem de Jayme Ovalle	52
De pombos e de gatos	54
Carta aos Puros	56
A outra face de Lucina	58
Noa Noa	60
O poeta	61
A arte de ser velho	62
Poema para Candinho Portinari em sua morte cheia de azuis e rosas	64
Profeta urbano	66
Teu nome	69

Orfeu Negro	70
O Margarida's	73
Morte de um pássaro	75
Poema para Gilberto Amado	77
O tempo sob o sol	78
O espectro da rosa	80
O conde e o passarinho	81
Não comerei da alface a verde pétala	84
O primeiro grande conto do vigário	85
Antiode à tristeza	88
A casa materna	90
As mulheres ocas	92
O Vento Noroeste	94
Feijoada à minha moda	96
Sobre poesia	100
O poeta e a rosa	103
Relendo Rilke	105
Of God and gold	108
Menino de ilha	109
O mosquito	111
“O amor que move o sol e outras estrelas...”	112
Duas canções de silêncio	114
Os elementos do estilo	115
Lapa de Bandeira	118
Contemplações do poeta ao cair da noite	120
Dois poeminhas com Sputnik	123
Smith-Corona versus Vat-69	125
Natal	128
Para viver um grande amor	129
Blues para Emmett Louis Till	131

Oscar Niemeyer	133
O anjo das pernas tortas	136
Água clara con sonido	137
O ônibus Greyhound atravessa o Novo México	139
Os politécnicos	140
O verbo no infinito	143
Canto de amor e de angústia à seleção de ouro do Brasil	144
Poética (II)	147
A bela ninfa do bosque sagrado	148
Namorados no mirante	152
Velha mesa	153
Soneto da mulher ao sol	155
A alegre década de 20	156
Um beijo	159
Sobre os degraus da morte...	162
Soneto do amor como um rio	164
Samba de breque	165
Carta do ausente	168
A transfiguração pela poesia	171
Poema desentranhado da história dos participios	173
Química orgânica	174
Soneto de Montevidéu	177
Namorados públicos	178
A estrelinha polar	180
Da solidão	181
Dialética	183
Estado da Guanabara	184
O amor dos homens	187
Pedro, meu filho...	193

posfácio

A mulher original,
por Francisco Bosco 197

arquivo

Advertência,
por Vinicius de Moraes 207

Aqui está o Vinicius mais acessível
por Otto Lara Resende 209

No Marimbás
por Carlos Drummond de Andrade 211

cronologia 213**créditos das imagens** 221

But in my mind of all mankind

I love but you alone.

Anônimo, *The nutbrow maid*

Amor condusse noi ad una morte.

Dante, *Inferno*

The world was all before them, where to choose

Their place of rest, and Providence their guide.

They, hand in hand, with wand'ring steps and slow

Through Eden took their solitary way.

Milton, *Paradise lost*

O EXERCÍCIO DA CRÔNICA

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

Alguns fazem-no de maneira simples e direta, sem caprichar demais no estilo, mas enfeitando-o aqui e ali desses pequenos achados que são a sua marca registrada e constituem um tópico infalível nas conversas do alheio naquela noite. Outros, de modo lento e elaborado, que o leitor deixa para mais tarde como um convite ao sono: a estes se lê como quem mastiga com prazer grandes bolas de chicletes. Outros, ainda, e constituem a maioria, “tacam peito” na máquina e cumprem o dever cotidiano da crônica com uma espécie de desespero, numa atitude ou-vai-ou-racha. Há os eufóricos, cuja prosa procura sempre infundir vida e alegria em seus leitores, e há os tristes, que escrevem com o fito exclusivo de desanimar o gentio não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver. Há também os modestos, que ocultam cuidadosamente a própria

personalidade atrás do que dizem e, em contrapartida, os vaidosos, que castigam no pronome na primeira pessoa e colocam-se geralmente como a personagem principal de todas as situações. Como se diz que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, todos estes “marginais da imprensa”, por assim dizer, têm o seu papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros as espicaçam; este é lido por puro deleite, aquele por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come.

Coloque-se porém o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica “não baixa”. O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá uma telefonada a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração — e nada. Ele sabe que o tempo está correndo, que a sua página tem uma hora certa para fechar, que os linotipistas o estão esperando com impaciência, que o diretor do jornal está provavelmente coçando a cabeça e dizendo a seus auxiliares: “É... não há nada a fazer com fulano...”. Aí então é que, se ele é cronista mesmo, ele se pega pela gola e diz: “Vamos, escreve, ó mascarado! Escreve uma crônica sobre esta cadeira que está aí em tua frente! E que ela seja benfeita e divirta os leitores!”. E o negócio sai de qualquer maneira.

O ideal para um cronista é ter sempre uma ou duas crônicas adiantadas. Mas eu conheço muito poucos que o façam. Alguns tentam, quando começam, no afã de dar uma boa impressão ao diretor e ao secretário do jornal. Mas se ele é um verdadeiro cronista, um cronista que se preza, ao fim de duas semanas estará gastando a metade do seu ordenado em mandar sua crônica de táxi — e a verdade é que, em sua inocente maldade, tem um certo prazer em imaginar o suspiro de alívio e a correria que ela causa, quando, tal uma filha desaparecida, chega de volta à casa paterna.

A ANUNCIAÇÃO

Virgem! filha minha
De onde vens assim
Tão suja de terra
Cheirando a jasmim
A saia com mancha
De flor carmesim
E os brincos da orelha
Fazendo tlintlin?
Minha mãe querida
Venho do jardim
Onde a olhar o céu
Fui, adormeci.
Quando despertei
Cheirava a jasmim
Que um anjo esfolhava
Por cima de mim...

Montevideú, 1/11/1958

POEMA DE ANIVERSÁRIO

Porque fizeste anos, Bem-Amada, e a asa do tempo roçou teus cabelos negros, e teus grandes olhos calmos miraram por um momento o inescrutável Norte...

Eu quisera dar-te, ademais dos beijos e das rosas, tudo o que nunca foi dado por um homem à sua Amada, eu que tão pouco te posso ofertar. Quisera dar-te, por exemplo, o instante em que nasci, marcado pela fatalidade de tua vinda. Verias, então, em mim, na transparência do meu peito, a sombra de tua forma anterior a ti mesma.

Quisera dar-te também o mar onde nadei menino, o tranquilo mar de ilha em que me perdia e em que mergulhava, e de onde trazia a forma elementar de tudo o que existe no espaço acima — estrelas mortas, meteoritos submersos, o plancto das galáxias, a placenta do Infinito.

E mais, quisera dar-te as minhas loucas carreiras à toa, por certo em premonitória busca de teus braços, e a vontade de grimpar tudo de alto, e transpor tudo de proibido, e os elásticos saltos dançarinos para alcançar folhas, aves, estrelas — e a ti mesma, luminosa Lucina, a derramar claridade em mim menino.

Ah, pudesse eu dar-te o meu primeiro medo e a minha primeira coragem; o meu primeiro medo à treva e a minha primeira coragem de enfrentá-la, e o primeiro arrepio sentido ao ser tocado de leve pela mão invisível da Morte.

E o que não daria eu para ofertar-te o instante em que, jazente e sozinho no mundo, enquanto soava em prece o cantochão da noite, vi tua forma emergir do meu flanco, e se esforçar, imensa ondina arquejante, para se desprender de mim; e eu te pari gritando, em meio a temporais desencadeados, roto e imundo do pó da terra.

Gostaria de dar-te, Namorada, aquela madrugada em que, pela primeira vez, as brancas moléculas do papel diante de mim dilataram-se ante o mistério da poesia subitamente incorporada; e dá-la com tudo o que nela havia de silencioso e inefável — o pasmo das estrelas, o mudo assombro das casas, o murmúrio místico das árvores a se tocarem sob a lua.

E também o instante anterior à tua vinda, quando, esperando-te chegar, relembrei-te adolescente naquela mesma cidade em que te reencontrava anos depois; e a certeza que tive, ao te olhar, da fatalidade insigne do nosso encontro, e de que eu estava, de um só golpe, perdido e salvo.

Quisera dar-te, sobretudo, Amada minha, o instante da minha morte; e que ele fosse também o instante da tua morte, de modo que nós, por tanto tempo em vida separados, vivêssemos em nosso decesso uma só eternidade; e que nossos corpos fossem embalsamados e sepultados juntos e acima da terra; e que todos aqueles que ainda se vão amar pudessem ir mirar-nos em nosso último leito; e que sobre nossa lápide comum jazesse a estátua de um homem parindo uma mulher do seu flanco; e que nela houvesse apenas, como epitáfio, estes versos finais de uma canção que te dediquei:

*... dorme, que assim
dormirás um dia
na minha poesia
de um sono sem fim...*